

**ADAPTAÇÃO FÍLMICA COMO ARTIFÍCIO POSSÍVEL DE SE TRABALHAR EM  
SALA DE AULA: UMA ANÁLISE INTERSEMIÓTICA DOS LIVROS DE LEWIS  
CARROLL E DO FILME DE TIM BURTON**

Eri Mesquita da SILVA FILHA  
Sayonara Januário FERREIRA  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

**Resumo:** Quando falamos em leitura voltada para o ensino pensamos de imediato que esta deve ser feita apenas através da obra literária fonte, o que não corresponde ao real objetivo da literatura em sala de aula. A partir disso, este trabalho pretende mostrar, através de uma análise intersemiótica dos livros: *Alice no País das Maravilhas* (1865) e *Alice no País do Espelho* (1872) de Lewis Carroll e do filme *Alice no País das Maravilhas* (2010) de Tim Burton, que apesar das mudanças feitas pelo diretor a essência da história não foi perdida em sua releitura. Este trabalho visa contribuir para um entendimento melhor da transposição de grandes obras literárias para o cinema, e a importância da sua utilização a fim de incentivar a leitura. Para tanto, utilizamos alguns aspectos teóricos na visão de vários autores como Thaïs Flores N. Diniz (2003) e Robert Stam (2006).

**Palavras-chave:** Tradução Intersemiótica. Leitura. Lewis Carroll. Tim Burton. *Alice no País das Maravilhas*.

**Abstract:** When we talk about reading focused on teaching, we immediately think that it should be only made through the source literacy work, which does not correspond to the real aim of reading in the classroom. This work intends to point out, through an intersemiotic analysis of the books *Alice in Wonderland* (1875) and *Through the Looking Glass* (1872) by Lewis Carroll and the movie *Alice in Wonderland* (2010) directed by Tim Burton, that despite the changes made by the director, the essence of the stories was not lost. This study it aim at contributing to a better understanding of the process of adaptation of successful literary works into movies, and the importance of its utilization to stimulate the reading. In order to achieve that, we draw upon several theoretical approaches as seen by authors like Thaïs Flores N. Diniz (2003) e Robert Stam (2006).

**Key-words:** Intersemiotic Translation. Reading. Lewis Carroll. Tim Burton. *Alice in Wonderland*.

## INTRODUÇÃO

Por décadas, grandes obras literárias têm sido adaptadas para o cinema e, sempre que isso acontece, surgem inevitáveis comparações e críticas. Nesse contexto, esse trabalho se propõe fazer uma análise intersemiótica da personagem *Alice*, conforme representada nos livros de Lewis Carroll – *Alice no País das Maravilhas* (1865) e *Alice no País do Espelho* (1872) – e no filme *Alice no País das Maravilhas* (2010), dirigido por Tim Burton. A repercussão causada pela releitura de Burton, tanto antes como depois do lançamento do filme, nos motivou a realizar essa pesquisa de caráter bibliográfico, na qual procuramos discutir a problemática através de referências teóricas publicadas principalmente em livros e revistas. (Cf. RAMPAZZO, 2002); a fim de mostrar que é possível a utilização desta adaptação fílmica em sala de aula para fins literários.

Além desse objetivo geral, o trabalho busca ainda propor o uso do filme *Alice no País das Maravilhas* (2010) nas aulas de Língua Inglesa (L2) do Ensino Médio, a fim de motivar os alunos à leitura e ao conhecimento da Literatura Inglesa.

Para tanto, organizamos o estudo em três seções. A primeira seção traz informações sobre aspectos biográficos e estilísticos do escritor e do cineasta, bem como resumos das obras analisadas. A segunda seção, percurso teórico, apresenta a teoria da tradução intersemiótica, base do trabalho, e também a importância da literatura e do cinema em sala de aula, ressaltando assim o uso indispensável da leitura. Em termos de referencial teórico, recorreremos a autores como: Diniz (2003), Stam (2006), entre outros.

Visando a atingir os objetivos propostos nessa pesquisa, a terceira seção descreve a nossa análise intersemiótica. Concluindo, apresentamos algumas considerações finais e destacamos o quão importante é o ensino da literatura.

### 1. SOBRE O ESCRITOR E O CINEASTA (livros e filme)

Os dois livros de Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas* e *Alice no País do Espelho*, foram publicados em 1865 e 1872, respectivamente.

*Alice no País das Maravilhas* é um livro acerca de uma criança que passa por uma série de aventuras, que começam quando *Alice* está na companhia de sua irmã que lê um livro. *Alice* se sente sonolenta, mas vê um coelho branco de colete azul, correndo, olhando para um relógio e dizendo que está atrasado. Então resolve segui-lo e cai em um buraco e, a partir desse momento, começa a vivenciar várias aventuras, e encontra várias criaturas como um

gato risonho, uma lagarta conselheira, a Rainha de Copas com seu exército formado por cartas, o Chapeleiro Maluco, a Lebre de Março dentre outros. No final do livro, *Alice* acorda e percebe que tudo aquilo fora um sonho.

Já o livro *Alice no País do Espelho* se inicia com a protagonista sentada em uma poltrona, brincando com seus gatinhos e tentando jogar xadrez com um deles. Em seguida, ela começa a descrever uma casa de espelhos, que fica em cima de uma das prateleiras da sala e, então, começa a imaginar como seria viver dentro daquela casa de espelhos. Logo ela se vê ali dentro e começa a observar tudo o que encontra, principalmente a presença de pequenas peças de xadrez falantes, que são a Rainha Vermelha com o Rei Vermelho e a Rainha Branca com o Rei Branco e conhece os irmãos Tweedledum e Tweedledee, o sábio Humpty Dumpty entre outros personagens. Por fim *Alice* se torna uma rainha e, quando volta de seu mundo imaginário, fica sem saber se tudo o que acontecera foi um sonho seu ou do Rei Vermelho.

Quanto ao autor dos livros acima resumidos, ele nasceu em 27 de Janeiro de 1832, na cidade de Daresbury, região de Cheshire, Inglaterra e morreu em Guildford, no mesmo país em 14 de janeiro de 1898. Seu nome era Charles Lutwidge Dodgson, mas ele tornou-se conhecido como grande escritor sob o pseudônimo de Lewis Carroll.

Os livros de Lewis Carroll são extremamente intrigantes e capazes de afetar, e muito, a imaginação de seus leitores através de dois elementos principais: o *maravilhoso* e o *nonsense*. De acordo com Isabel de Lorenzo (2000) o *maravilhoso* “é algo mágico ou absurdo que, de repente, se manifesta em meio ao universo cotidiano”, contradizendo assim nossos ideais de vida. Nos livros de Carroll o *maravilhoso* ocorre quando este invade o cotidiano de *Alice* e o transforma em algo estranho, ou seja, tudo se transforma em um mundo imaginário e desconhecido. Quanto ao *nonsense* “é um elemento típico da literatura inglesa do século XIX”, por meio do qual se questiona as regras ‘naturais’ que nos norteiam; a sociedade conservadora e moralista da época, bem como a própria linguagem. As manifestações do *nonsense* estão nas brincadeiras com a lógica, na exploração dos variados sentidos das palavras, nas situações absurdas e na impressão de um mundo colocado de cabeça para baixo.

No dia 23 de abril de 2010 foi lançado no Brasil o filme *Alice no País das Maravilhas*, dirigido por Tim Burton. O filme não é baseado somente em um só dos livros de Lewis Carroll, mas sim numa fusão criativas das duas obras literárias acima citadas.

O filme envolve vários gêneros – aventura, fantasia e animação – e começa com *Alice* (Mia Wasikowska), aos seus sete anos, tendo sonhos idênticos com o seu mundo subterrâneo. Mas o filme só se desenrola quando *Alice*, já com 19 anos, é pedida em casamento, mas foge para que isso não aconteça. Na fuga, ela acaba vendo um coelho branco de colete azul, resolve

ir atrás dele e termina caindo naquele país, ao qual já tinha ido, quando era criança, e do qual não se lembrava mais. O que ela não esperava é que todos naquele país a estivessem aguardando, para que ela pudesse lutar com e matar o grande *Jabberwocky*<sup>1</sup> e, assim destronar a *Rainha Vermelha* (Helena Bonham Carter) e seu exército formado de cartas, para que a *Rainha Branca* (Anne Hathaway) voltasse a assumir seu trono, de direito, com seu exército formado por peças de xadrez. E para que isso aconteça *Alice* conta com a ajuda principalmente do *Chapeleiro Maluco* (Johnny Depp) e de seus companheiros como o *Gato Risonho*.

O filme foi dirigido por um dos mais brilhantes diretores de nossa época, Timothy William Burton, mais conhecido como Tim Burton, que nasceu em Burbank, California, EUA, em 25 de agosto de 1958.

Segundo Antonie de Baecque, editor-chefe da renomada revista francesa *Cahiers du Cinéma*, Burton é um dos poucos cineastas de Hollywood que consegue fazer produções capazes de agradar pessoas de todas as idades. O crítico e historiador de cinema ressalta ainda que Burton “coloca seu poder visionário a serviço de um universo excêntrico e poético,” ao filmar “o universo mórbido, fantástico e, no entanto mágico, da normalidade ocidental”, a partir de “suas visões gráficas, seus cenários góticos [e] suas máscaras de terror”. (Cf. *Cahiers du Cinéma*)

No filme dirigido por Tim Burton, cada cena se caracteriza por uma explosão de cores que, frequentemente, adquirem tons coléricos. Além disso, o filme apresenta vários aspectos estilísticos do diretor. Sobre os aspectos estilísticos, Diniz (2003) ensina que eles “*podem decorrer das propriedades do meio cinematográfico, de suas técnicas e linguagem distintivas, porém estão muito ligados à expressão da individualidade do artista, no caso do cineasta.*” (p. 77). Nesse sentido, podemos destacar, dentre os aspectos estilísticos que permeiam o filme *Alice no País das Maravilhas* (2010), os temas mórbidos e a atmosfera sombria, característicos da cinematografia de Tim Burton.

## 2. PERCURSO TEÓRICO

### 2.1. TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA

---

<sup>1</sup> Criatura-dragão citada num poema lido por *Alice* dentro da casa de espelhos, apresentada no livro *Alice no País do Espelho*, *Jabberwocky* ganha vida e um grande destaque na adaptação fílmica de Tim Burton.

Podemos visualizar a tradução intersemiótica como uma via de acesso mais profundo à tradição cultural e à época em que se passa a narrativa e da qual se faz a adaptação fílmica. Em termos simples, podemos dizer que a tradução intersemiótica é qualquer tradução feita a partir de um texto para uma encenação. (DINIZ, 2003).

E quando se traduz de um texto para outro, ou de um sistema semiótico para outro, tanto o passado como o presente estarão permeando a tradução realizada (DINIZ, 2003). Por isso toda tradução é alusiva a seu(s) texto(s) ou sistema(s) fonte, mantendo assim uma determinada relação com ele(s) ou ainda o(s) representando de algum modo. Essa relação entre textos e sistemas de significação é o objeto de estudos da tradução intersemiótica.

Sendo a adaptação fílmica uma forma de tradução (intersemiótica), ela costuma ser encarada principalmente como *infidelidade*, *traição* e *deformação*. Entretanto, o que realmente ocorre é que não é possível se manter a ‘originalidade’ em uma adaptação (tradução) e nem isso é desejável. (STAM, 2006)

A maioria das grandes adaptações fílmicas é feita a partir de grandes obras literárias, de modo que é impossível não surgir a comparação e a inevitável análise de ambas. Contudo, para que a análise possa ser realizada com justiça é preciso levar em conta vários aspectos de uma adaptação fílmica, a qual sempre “*implica em perdas inevitáveis [de modo que], em muitos casos, a transformação procura compensar essas perdas com recursos substitutivos.*” (BRITO, 2006, p. 23). E João Batista de Brito (2006) as classifica basicamente em *redução* e *adição*, tipos nos quais inclui processos como o *deslocamento* e a *transformação*, esta última dividida em *simplificação* e *ampliação*. Para o autor, a *redução* ocorre quando o cineasta retira elementos presentes na obra literária e não os coloca na sua adaptação; já a *adição* acontece quando o cineasta adiciona elementos em seu filme que não estão presentes no texto literário; o *deslocamento* ocorre quando temos elementos que estão em ambos, filme e texto, mas não na mesma ordem cronológica ou espacial. Quanto à *transformação*, essa acontece quando os elementos possuem significados semelhantes, mas com configurações diferentes tanto no romance quanto no filme. Neste contexto, a *simplificação* é uma transformação que torna um elemento maior do romance em um menor no filme; e a *ampliação*, por fim, uma transformação que aumenta, no filme, a dimensão de um ou mais elementos presentes na obra literária.

Dessa maneira, podemos afirmar que não existe uma fórmula para realizar adaptações fílmicas, pois como afirma Diniz (2005), vários cineastas podem escolher adaptar o mesmo texto literário, mas eles irão escolher partir de aspectos mínimos, ou até mesmo sem

importância, do texto e realizar adaptações completamente diferentes, mesmo que procurem manter, na maioria dos casos, a mesma essência do texto literário fonte.

## **2.2. A IMPORTANCIA DA LITERATURA E DO CINEMA EM SALA DE AULA**

"O cinema é uma experiência cultural importante, assim como (...) a literatura. A escola precisa levar isso em conta e tratar esse trio com igualdade", diz Marcos Napolitano, professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) e especialista na utilização de filmes em aula. Em ambos os casos, é preciso começar expondo os objetivos da exibição e descrevendo o que será visto. (Cf. *Revista Escola*, 05.2010)

O uso do cinema em sala é importante porque ele favorece o entendimento da riqueza e diversidade da imaginação humana, assim o cinema torna-se uma proposta educativa, pois através dela o professor pode explorar vários campos em sala de aula como a própria literatura.

A importância da literatura na vida e no aprendizado do ser humano é de grande valor, visto que ela possibilita o poder da arte de escrever, ler, interpretar o mundo, conhecer a diversidade cultural, provocar emoções. Dessa forma a literatura é uma forma de humanização do homem.

A literatura com sua linguagem carregada de significado, muitas vezes uma fuga da realidade, faz com que os alunos tenham contato com obras que foram lidas anos atrás e ainda despertem interesse hoje, e sua atuação no ensino é promissora, pois seu poder de persuasão e comunicação são enormes. A leitura, por exemplo, é uma das portas para o alcance da aquisição do conhecimento literário, seja na língua materna (L1) ou em uma língua estrangeira (LE).

O acesso ao aprendizado da leitura apresenta-se como um dos múltiplos desafios da escola e, talvez, um dos mais valorizados e exigidos pela sociedade, uma vez que a leitura é vista como um instrumento essencial para que o indivíduo construa seu conhecimento, pois ela consegue ampliar o entendimento de um mundo através do exercício da imaginação, estimulando a reflexão crítica dos indivíduos.

Segundo Rosenblatt (*apud* GOODMAN, 1978) a leitura implica uma transação entre o leitor e o texto, onde as características de quem lê o texto é tão importante para a leitura como as características do texto, uma vez que o leitor constrói um significado próprio para o texto.

Por saber que a leitura possibilita o desenvolvimento da habilidade de ler, e que a mesma junto a literatura e o cinema desperta a comunicação e as ideias dos alunos, propomos a utilização de uma adaptação fílmica e por meio desta explorar mais a literatura inglesa e com isso motivá-los a ler cada vez mais.

### 3. ANÁLISE INTERSEMIÓTICA

#### 3.1. ADAPTAÇÃO FÍLMICA

Após assistirmos a adaptação fílmica de *Alice no País das Maravilhas* (2010), podemos identificar, através de uma análise intersemiótica, que as *transformações* mais recorrentes em relação à personagem *Alice* foram as classificadas como: *adição e ampliação* (Cf. BRITO, 2006). Seguindo esta classificação, podemos afirmar que a maior *transformação* feita por Burton foi a mudança de idade da protagonista, pois ela continua em primeiro plano na trama, mas com uma configuração mental diferente. De certa maneira esse conflito de idade também existe nos livros, mas numa proporção bem menor, pois *Alice* é apenas uma criança. Nos livros seu conflito se limita a questão do querer entender o porquê de tudo aquilo que ela é obrigada a fazer, como: ir à escola, ter de fazer as tarefas, provas, etc., pois ela não vê sentido nenhum nessas ações. Enquanto no filme seu conflito vai bem mais além da busca de explicações. Aqui ele se configura numa proporção bem maior, mas é somente através dele e de sua superação que Alice poderá encontrar seu espaço na sociedade.

Quanto ao processo de *adição*, nós o identificamos especialmente na cena da grande batalha que a protagonista trava contra o grande *Jabberwocky*, pois na obra literária ela só conhece o monstro através da leitura de um poema, quando ela está dentro da casa de espelhos.

*Ampliações* também foram identificadas, especialmente a do papel exercido pelo *Chapeleiro Maluco*. Nos livros ele aparece durante o *Chá dos Loucos*, enquanto na adaptação ele é uma figura muito presente durante toda narrativa, tornando-se o melhor amigo da protagonista. E por causa dele e de sua cobrança, acima citada, *Alice* começa a encontrar sua identidade e descobrir que ela pode fazer seu próprio caminho:

Alice: Desde que caí na toca do coelho me dizem o que fazer e o que ser. (...) Mas este é o meu sonho. Eu vou decidir o que acontece agora.  
(...) Eu faço o caminho.  
(ROTH, 2010) [ ]

Mesmo assim ela ainda continua por certo tempo, muito resistente à ideia de lutar contra o Jabberwocky, razão pela qual ela foi levada novamente àquele país. E só decide lutar quando descobre, através da Lagarta (Absolem), que seus constantes pesadelos eram na verdade lembranças do que já tinha vivido naquele mesmo país quando tinha apenas sete anos. Dessa forma Alice percebe que aquele mundo faz parte de sua história de vida e assim decide lutar pela paz daquele lugar.

Após analisarmos todas essas transformações aqui citadas, podemos notar que a Alice de Burton também ganhou um recorte feminista em sua releitura. Pois ela vai de encontro aos ditames da sociedade de que uma jovem/mulher deve se casar cedo, e de preferência com um bom pretendente, e ser submissa a ele e ao tradicionalismo. Diante disso Alice, após sua viagem ao mundo subterrâneo, prova que sua capacidade vai mais além daquilo que lhe é imposto. Ela mostra que uma mulher pode escolher o que fazer de sua vida e ter capacidade suficiente para realizar suas ambições, e isto, segundo Andrea Nye (1995), é a base da teoria feminista. Dessa maneira a história de Alice torna-se também um pequeno conto feminista, aproveitando o contexto vitoriano original das histórias de Carroll e o cenário de um mundo fantástico, o Wonderland.

### **3.2. DO CINEMA Á LEITURA**

Em nossa proposta, ao trabalhar com o cinema em sala de aula o professor precisa começar expondo os objetivos da exibição e descrevendo o que será visto. O ideal é antecipar para a turma elementos da história, falar sobre o autor e o diretor. O professor deve se mostrar como um espectador crítico e experiente para que os alunos aprendam a se posicionar frente ao que irá ser visto e estudado.

O professor deve saber o que deseja extrair da obra, as conexões que existem entre o filme e obra literária, tudo isso em paralelo com a leitura. Isso requer planejamento e pesquisa antecipados, tanto como clareza do que será feito depois (que tipo de produção pedir aos alunos, quais reflexões estimular e como será a avaliação). É recomendável também selecionar materiais de apoio, como *links* sobre o filme na internet e textos de jornais e revistas. Toda essa preparação garante a segurança para as intervenções que serão feitas com os alunos e para discutir sobre a obra em questão.

Nesse sentido cabe, novamente, a recomendação de um planejamento prévio através do qual o educador tenha clareza quanto aos objetivos relativos à utilização do filme; se a



produção será utilizada na íntegra ou apenas alguns trechos da mesma, pois trata-se de assistir filme com intenção pedagógica e não para formar meros cinéfilos.

Pensando nisso, os próximos passos relativos à utilização de filmes em sala de aula à estruturação das aulas quanto às estratégias e metodologias que farão parte das aulas. O que se pede é que as aulas sejam dinâmicas e atraentes para os estudantes. Para que isso ocorra é necessário que se organizem atividades que façam com que o educando participe ativamente dos procedimentos. Trabalhar com pequenos grupos e em situações de simulação da realidade são quesitos importantes para que os filmes possam ser discutidos e gerem produção escrita.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo, apresentamos os resultados da análise intersemiótica feita entre os livros de Lewis Carroll – *Alice no País das Maravilhas* e *Alice no país do Espelho* – e a adaptação fílmica de Tim Burton, homônima da primeira obra. Tal pesquisa objetivou mostrar e provar através desta análise que é possível usar o filme em questão como um artifício para trabalhar a Literatura Inglesa nas aulas de L2 do Ensino Médio.

A análise foi importante tendo em vista que foi possível identificar as várias transformações realizadas pelo diretor, onde foram notados alguns aspectos estilísticos de Burton, como a atmosfera escura que permeia a adaptação e seus frequentes tons coléricos. Porém, isso não ofuscou o aspecto estilístico mais marcante de Carroll, o *nonsense*. Ou seja, podemos concluir que a tradução foi realizada sem que houvesse perda da essência do texto fonte, mesmo sem observar uma ‘fidelidade’ total, tanto questionável quanto indesejável.

O fator essencial neste estudo foi constatar que Burton foi além de uma tradução intersemiótica dos livros de Carroll. Ele inovou, bateu a poeira dos textos anteriores e os reinventou; sem perder de vista, contudo o grande legado dos originais: a imersão mágica no mundo dos sonhos. À semelhança do que ocorre nos livros, no filme *Alice* também mergulha no maravilhoso país do inconsciente. Afinal, traduzir significa perpetuar.

Com isso podemos afirmar que é possível sim a utilização dessa adaptação fílmica para fins literários no ensino de L2, desde que ela seja utilizada em paralelo com a leitura, a fim de incentivar a mesma. Também podemos ressaltar que o professor ao utilizar esse artifício em sala de aula, ele tem o poder de “negociar para poder ensinar [seus alunos] a ler”. (KLEIMAN, 2001, p. 16)

Diante do exposto podemos entender que o cinema é uma ferramenta de trabalho motivadora, inovadora, bem como um instrumento capaz de envolver vários conteúdos programáticos num mesmo momento, desde que o professor ao utilizar essa ferramenta delimite seus objetivos ao usá-la.

Por fim, gostaríamos de destacar nenhum professor de L2 deve inibir-se de pôr em prática leituras, comentários ou interpretações que estimulem nos alunos a sensibilidade, o senso crítico e a capacidade argumentativa sobre essa realidade indefinível a que chamamos universo literário.

## REFERÊNCIAS

- BAECQUE, Antonie de. “**Tim Burton**: Nouvelle Edition Augmentee”. **Cahiers du Cinéma**. Disponível em: <<http://www.cahiersducinema.com/Tim-Burton.html>>  
Acesso em: 22 setembro 2011.
- BIOGRAFIA Tim Burton. Disponível em:  
<<http://www.scribd.com/doc/17374339/Biografia-Tim-Burton>>. Acesso em: 27 maio 2010.
- BRITO, João Batista de. **Literatura no Cinema**. São Paulo: Unimarco, 2006.
- CARROLL, Lewis. **Alice’s Adventures in Wonderland and Through the Looking Glass**. England: Puffin Books, 1962.
- \_\_\_\_\_. **Alice no País das Maravilhas**. Trad. Isabel de Lorenzo. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Alice no País do Espelho**. Trad. William Lagos. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- DINIZ, Thaís Flores Nogueira. **Literatura e Cinema: da Semiótica à Tradução Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2003.
- \_\_\_\_\_. Mini-Curso: **Literatura e Cinema**. 6h. In: XXXIII SENAPULLI. Fortaleza, 12-16 de junho, 2005.
- GOODMAN, Kenneth S. **O Processo de Leitura: considerações a respeito das Línguas e do desenvolvimento**. In: FERREIRO, Emilia; PALACIO, Margarita Gomes. *Os processos de leitura e escrita*. Porto Alegre: Artes Medicas, 1987.
- KLEIMAN, A. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática**. 8. ed. São Paulo, 2001.
- MOÇO, Anderson. “**Cinema na Escola**”. Nova Escola, maio 2010. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/cinema-escola-filmes-tecnologia-audiovisual-556044.shtml>>. Acesso em: 10 agosto 2012.

NYE, Andrea. **Teoria Feminista e as Filosofias do Homem**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1995.

ROTH, Joe; et. al. **Alice no País das Maravilhas**. [filme-video]. Roteiro de Linda Woolverton. Direção de Tim Burton. EUA, Disney, 2010. DVD, 109 min. color. son.

ROTHER, Larry. “**Drinking Blood: New Wonders of Alice’s World**”. In: New York Times, 26 fev. 2010. Disponível em:

<<http://www.nytimes.com/2010/02/28/movies/28alice.html?pagewanted=1&sq=tim%20burton&st=cse&scp=18>> Acesso em: 22 setembro 2011.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia Científica** – para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

STAM, Robert. **Teoria e Prática da Adaptação: da Fidelidade à Intertextualidade**. In: CORSEUIL, Anelise Reich. (ed). **Ilha do Desterro: Film Beyond Boundaries**. Florianópolis: Editora da UFSC, nº 51, Jul/Dez, 2006.

SANTANA, Ana Lucia. **Tim Burton**. Disponível em:

<<http://www.infoescola.com/biografias/tim-burton/>>. Acesso em: 27 maio 2010.